

## Especial

Entre cultura e trabalho, o carnaval evidencia o potencial da economia criativa e os desafios para sua consolidação como política pública

POR GIOVANNA KUNZ

**M**uito antes de ocupar as ruas com música, cor e multidões, o carnaval já está em movimento. A festa que, para o público, dura poucos dias, é resultado de meses e, em muitos casos, o ano todo de trabalho contínuo. No Distrito Federal, esse processo evidencia uma cadeia produtiva extensa, formada por artistas, costureiras, músicos, produtores culturais, técnicos, empreendedores e trabalhadores informais que encontram nos dias de Momo uma importante fonte de renda e identidade profissional.

Mais do que uma manifestação cultural, o carnaval se consolida como um dos principais motores da economia criativa brasileira. A festa articula saberes tradicionais, inovação, empreendedorismo e ocupação do espaço público, movimentando setores como moda, artesanato, serviços, turismo, alimentação e entretenimento. Ainda assim, esse potencial econômico segue enfrentando desafios estruturais, como a informalidade, a descontinuidade de políticas públicas e a concentração de recursos em períodos muito curtos do ano.

No DF, escolas de samba, blocos de rua, feiras criativas e marcas autorais ajudam a dimensionar o impacto do carnaval como atividade produtiva. São iniciativas que revelam como a cultura, quando vista como trabalho, pode gerar renda, formação profissional e desenvolvimento local.

Ao contrário da ideia de improviso, o carnaval é um processo altamente organizado. Cada desfile, bloco ou evento envolve planejamento financeiro, cronogramas rigorosos, divisão de tarefas e uma cadeia de fornecedores. A engrenagem começa com a criação artística, o enredo, o conceito visual, o repertório musical, e se desdobra em etapas técnicas que exigem mão de obra especializada.

### Indústria cultural

Nas escolas de samba, esse processo se assemelha ao funcionamento de uma pequena indústria cultural. Para Pablo Claudino, diretor de comunicação e financeiro da Acadêmicos da Asa Norte, reduzir o carnaval ao espetáculo final é ignorar sua complexidade econômica. "A escola de samba, para além da festa deslumbrante e inclusiva que proporciona, tem algumas funções sociais. Uma delas é levar cultura e conhecimento às comunidades, por meio do enredo. A outra é formar profissionais. E uma terceira é exatamente gerar renda para sua cadeia produtiva. É um segmento relevante na economia criativa", afirma.



Carro abre- alas da Acadêmicos da Asa Norte no desfile de 2023

Por trás da  
festa

A opção da escola por produzir seus desfiles internamente reforça essa lógica de formação e geração de trabalho local. "Nós temos por filosofia fazer o carnaval em casa, ensinando e gerando renda", explica. Em 2023, último ano em que houve desfile oficial no Distrito Federal, cerca de 70 pessoas atuaram diretamente no barracão e nos ateliês de costura. Esse número não inclui fornecedores indiretos, como vendedores de tecido, aviamentos, alimentação, transporte e serviços técnicos.

A produção artesanal exige uma diversidade de funções, como costureiras, bordadeiras, aderecistas, marceneiros, escultores, músicos, intérpretes, passistas e profissionais de apoio. Ao manter essa cadeia ativa, a escola não apenas gera renda pontual, mas também qualifica trabalhadores. "Quando termina o desfile, essas pessoas saem com uma formação que as habilita a se integrar ao mercado de trabalho", ressalta.